



## **“PERSPECTIVA TEOLÓGICA”: 50 ANOS DE REFLEXÃO TEOLÓGICA E COMPROMISSO ECLESIAL**

*Theological Perspective: 50 Years of Theological Reflection  
and Ecclesial Commitment*

Luiz Carlos Sureki \*

**RESUMO:** Este breve recorrido histórico-teológico da Revista *Perspectiva Teológica*, por ocasião de seu quinquagésimo aniversário (1969-2019), é perpassado pela pergunta acerca da sua identidade, especificidade e missão. Após um breve esclarecimento com vistas a justificar a opção metodológica pelos editoriais da Revista como fonte bibliográfica principal do presente estudo, apresentamos as três fases da história da *Perspectiva Teológica*. Em seguida, na intenção de sublinhar o seu caráter pastoral-ecclesial, lançamos um olhar panorâmico para o Concílio Vaticano II e as Conferências Gerais do Episcopado latino-americano pós-conciliares. Como a ecclesiologia e a teologia, tal como a práxis e a teoria, se exigem mutuamente, dedicamos algum espaço ao Pontificado do Papa Francisco e à Teologia da Libertação com suas interpelações atuais. A conclusão aponta, na forma de uma síntese, as características centrais da perspectiva teológica que a Revista *Perspectiva Teológica* mantém, promove, reflete e comunica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Perspectiva Teológica. História. Memória. Igreja. América Latina.

**ABSTRACT:** This is a brief analysis of the theological-history of the journal of *Perspectiva Teológica* as it celebrates its 50<sup>th</sup> anniversary (1969 – 2019). This article focuses on the questions of identity, specificity, and mission of this journal. The editorials start with a brief explanation on the choice of methodology of this journal

---

\* Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

as the main bibliographical principle of this present study. Then we present three main phases in the history of the journal of *Perspectiva Teológica*. Emphasizing on its pastoral-ecclesial character, we take a panoramic view at the Second Vatican Council and the Post-conciliar General Conferences of the Latin-american Episcopate. Given that ecclesiology and theology, which are like praxis and theory, are mutually necessary, we dedicate some space for the pontificate of Pope Francis and Liberation Theology with its present challenges. Lastly the conclusion highlights, in the form of a synthesis, the central characteristics of the journal of *Perspectiva Teológica* that it maintains, promotes, reflects, and communicates.

**KEYWORDS:** *Perspectiva Teológica*. History. Memory. Church. Latin America.

## *Introdução*

A Revista *Perspectiva Teológica* (ISSN 0102-4469), de periodicidade quadrimestral, divulga a reflexão teológica no âmbito sistemático, bíblico e pastoral, com qualidade científica reconhecida. Desde 2010, o periódico passou a ter uma versão eletrônica (ISSN 2176-8757). Todos os seus conteúdos, inteiramente digitalizados, estão disponíveis aos leitores em sua versão digital.<sup>1</sup>

Este breve recorrido *histórico-teológico* da Revista *Perspectiva Teológica* em seus 50 anos de existência apresenta a trajetória da Revista, especialmente (mas não exclusivamente) a dos seus últimos 15 anos. A razão para concentrarmos-nos “especialmente” nos seus últimos 15 anos tem a ver com a própria revista, que em ocasiões especiais abriu espaços para resgatar, avaliar e projetar sua própria história.

A mais importante dessas ocasiões especiais a encontramos em 2004 por ocasião da publicação do centésimo número da Revista. No longo artigo “Revisitando a Revista *Perspectiva Teológica* por ocasião do 100º número”, o jesuíta, professor, teólogo, doutor e assíduo colaborador na revista, o Pe. João Batista Libanio, retomou a história do periódico desde as suas origens e fez uma brilhante síntese dos principais temas teológicos nela até então publicados (2004, p. 313-351).

---

<sup>1</sup> *Perspectiva Teológica*. Disponível em: <<http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva>>. Acesso em: 11 set. 2019.

Primeiramente haveremos de justificar nossa opção metodológica pelos editoriais da Revista como fonte bibliográfica principal do presente estudo, já que seria inviável, para não dizer impossível, um estudo das centenas de artigos (cerca de 600) publicados nela até o presente. Em seguida, apresentaremos três fases da *Perspectiva Teológica* ao longo desses 50 anos como modo didático de situá-la no tempo. A seguir, na intenção de sublinhar o caráter eclesial da *Perspectiva Teológica*, e fiéis à opção metodológica realizada, apresentaremos um apanhado resumido da repercussão que os grandes eventos eclesiais tiveram na e para a teologia publicada na Revista. Por fim, faremos algumas alusões ao Pontificado do Papa Francisco e à Teologia da Libertação com suas interpelações atuais, concluindo com as características centrais que, ao nosso ver, respondem pela identidade da Revista.

## 1 Opção metodológica

Inicialmente um esclarecimento de caráter metodológico faz-se aqui necessário. Tomamos como conteúdo fundamental desta exposição a análise do conteúdo concernente aos Editoriais da Revista. Pelo menos, duas são as justificativas para tal opção.

A primeira diz respeito à índole da revista. Ela pertence ao Departamento de Teologia de uma Faculdade de Ensino Superior da Companhia de Jesus, que se entende comprometida com a pesquisa e divulgação da teologia nela gestada, cultivada e promovida, em sintonia com as preferências apostólicas da Ordem, que, por sua vez, está à serviço da Igreja Católica. Nesse sentido, é especialmente nos Editoriais da revista que encontramos a posição teológico-pastoral que norteia a reflexão ali produzida e que conseqüentemente reflete a teologia que se ensina nos cursos de graduação e pós-graduação desta Faculdade Jesuíta. No editorial do fascículo n. 100 da Revista se lê: “A *Perspectiva Teológica* é, sem dúvida, – e nós sempre o pretendemos, desde que ela passou a Belo Horizonte – o espelho da Faculdade de Teologia do ISI/CES [hoje FAJE]. A quintessência dessa característica são os editoriais (v. 36, n. 100, 2004).

A segunda justificativa tem a ver com a acelerada internacionalização do periódico nestes últimos anos com a conseqüente diversidade de autores (teólogos, teólogas, cientistas da religião e especialistas de áreas afins) que encontram na *Perspectiva Teológica* espaço propício para publicação de suas pesquisas. Com isso, tem se tornado mais frequente a ausência de artigos (no dossiê principal da Revista) produzidos pelos professores da Faculdade. Mais uma vez, é o Editorial da revista, cuja natureza

explicitaremos adiante, o lugar onde a identidade e originalidade do pensamento teológico produzido nesta Faculdade de Teologia se deixa melhor captar.

## 2 *Três fases da Perspectiva Teológica*

Tentar uma classificação da história quinquagenária da *Perspectiva Teológica* em três fases tem um caráter didático. Isto nos ajuda a situarmo-nos no tempo e a percebermos, em cada fase, os percalços e as nuances da teologia pós-conciliar e latino-americana.

A primeira fase acompanha a história da Faculdade de Teologia a partir de 1969, ano da criação da revista, até 1981, ano em que as suas atividades acadêmico-teológicas se encerraram em São Leopoldo – RS. Naqueles anos leopoldinos, o editorial se contentava em ser uma apresentação dos artigos contidos naquele respectivo fascículo, quase uma antecipação dos resumos que, frequentemente, antecediam os artigos ou se lhes seguiam. O conselho de redação era composto por professores, mas também por alunos da Faculdade de Teologia.

A segunda fase da Revista teve início em 1982, ano em que a Faculdade de Teologia se instalou em Belo Horizonte. Desde então, a natureza do editorial mudou substancialmente. Passou a ser redigido a muitas mãos, a partir de uma “chuva de ideias” do Conselho de Redação, constituído pelos professores do quadro permanente do Departamento de Teologia. Um dos membros – que permanecia anônimo – recolhia as ideias e as sistematizava à sua maneira, dando às abundantes sugestões levantadas um caráter unitário. Elaborado o texto, todos os demais o recebiam para observações, críticas, correções, de maneira que, quanto possível, todos pudessem subscrevê-lo (v. 36, n. 100, 2004). Essa prática é ainda vigente. Em 2012, antes do Editorial, foi inserida a ‘Apresentação’ (pelo Editor, que geralmente permanece anônimo) com aquelas características que tinha o editorial da primeira fase. Ainda uma quase imperceptível mudança se deu a partir de 2016 (v. 48, n. 1), quando o editorial passou a ser assinado por um dos membros (por vezes dois) do quadro permanente de professores, continuando, porém, a expressar o pensamento teológico da Faculdade como um todo.

Embora desde 1982 até o momento atual o modo de elaboração dos editoriais não tenha sofrido alterações substanciais, percebe-se, contudo, que mudanças de outra natureza como: estéticas (na apresentação da Revista), formais (como a criação do DOI e a supressão do indicativo sequencial numérico), metodológicas (como a inserção dos resumos bilíngues),

quantitativas (referente ao aumento do número de artigos publicados por fascículo), foram sendo implantadas ao longo de 2016.

Nos preparativos rumo ao jubileu de ouro da *Perspectiva Teológica* informamos aos leitores(as) e colaboradores(as) que, a partir deste fascículo, introduzimos alterações de caráter técnico e novidades editoriais. Cada fascículo terá as seguintes seções: a Apresentação [Editor]; o Editorial, que é um artigo de posicionamento do tema em questão; Artigos principais (dossiê) que refletem sobre o tema central; Artigos diversos, que versam sobre temas variados do assunto principal do fascículo; Recensões e Notas bibliográficas; e texto de Instruções para autores bilíngue (v. 48, n. 1, 2016).

Assim, podemos inferir uma terceira fase na trajetória da Revista que começava em 2017. O primeiro fascículo desse ano trazia na nova capa a expressão externa de mudanças também internas. Estas dizem respeito à firme decisão da equipe de redação e dos professores do Departamento de Teologia de consolidar os passos dados, inserindo-se resolutamente no exigente processo de avaliação e adaptação do periódico com vistas a implementar as exigências da Capes-periódicos e a buscar a sua indexação em plataformas referenciais de citações científicas internacionais e, assim, de apresentar-se como um periódico renomado da área.

Aos 500 anos da Reforma Protestante (1517-2017) dedicou-se a esse assunto o primeiro novo fascículo. Também neste ano, a Igreja Católica do Brasil comemorava os 300 anos de sua padroeira Nossa Senhora da Conceição Aparecida (1717-2017). No âmbito católico mais geral fazia-se memória aos 100 anos da aparição de Nossa Senhora de Fátima, em Portugal (1917). Na América Latina e Caribe, 10 anos da Conferência de Aparecida (2007) ficavam para trás. Não por último, contava-se ainda os 35 anos da Faculdade Jesuíta de Teologia e de sua Revista *Perspectiva Teológica* em Belo Horizonte.

A seguir, orientando-nos pela leitura de alguns editoriais selecionados, adentramos um pouco mais a história da Revista registrada na mesma.

## ***2.1 A criação de um periódico teológico (v. 1, n. 1, 1969)***

O primeiro editorial de 1969 marca a fundação propriamente dita da Revista *Perspectiva Teológica* na cidade de São Leopoldo – RS. Neste mesmo ano, a Faculdade de Teologia Cristo Rei aí situada completava seu vigésimo aniversário de funcionamento e se associava à recém-criada Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). A Faculdade de Teologia já vinha há alguns anos se preparando para o lançamento de um órgão de pesquisa e reflexão teológica, e a criação da Universidade nas proximidades ofereceu-lhe o impulso extra que lhe faltava. Vivia-se o desafio de difundir o impulso renovador teológico-pastoral advindo do Concílio Vaticano II (concluído em 1965) em um contexto sempre mais secularizado (p. 4).

Quanto às características que a Revista deveria assumir, o editorial nos diz que havia duas tendências em jogo. A primeira inclinava-se a fundar um órgão de pesquisa, onde escrevessem de preferência especialistas nos diversos campos de teologia, a fim de propiciar sobretudo um aprofundamento, na América Latina e no Brasil, do pensamento teológico cristão. A segunda tendência julgava ser mais conforme à situação e mais útil para fecundar áreas mais vastas do pensamento cristão e católico, uma espécie de divulgação universitária das atuais perspectivas teológicas, em meio às quais, além dos estudos de peritos pertencentes aos diversos estabelecimentos de ensino teológico, poderiam surgir contribuições valiosas dos próprios estudantes de teologia. Por fim, seus fundadores julgaram viável uma confluência dos dois ideais, de modo que a Revista conjugasse, ao mesmo tempo, a pesquisa e a divulgação do conhecimento teológico (p. 3-4).

## ***2.2 Um novo contexto com novos desafios (v. 14, n. 32, 1982)***

O primeiro editorial de 1982 anuncia o início da segunda fase da Revista por relação à Faculdade de Teologia em sua nova sede em Belo Horizonte. No dia 17 de abril, o Arcebispo de Belo Horizonte dava a bênção inaugural ao Instituto Santo Inácio, onde a partir de então funcionarão as Faculdades de Filosofia e Teologia da Companhia de Jesus no Brasil (p. 5).

Esse Centro de Estudos quer ser, antes de tudo, uma Casa de Formação para os futuros sacerdotes jesuítas no período de estudos filosóficos e teológicos, abrindo-se paulatinamente para outros estudantes que comunguem com nossos objetivos. (...) Tentaremos articular séria reflexão teórica com uma pastoral comprometida com nosso povo pobre e oprimido de modo que a reflexão se deixe questionar pela prática e esta, por sua vez, se beneficie, a curto e longo prazo, desse esforço teórico filosófico-teológico (p. 5-6).

Quanto à Revista, que pela ocasião recebeu uma nova capa, foi assumida por uma nova equipe de redação. No mencionado editorial encontramos as seguintes intenções a seu respeito:

*A Perspectiva Teológica* permitir-nos-á fazer circular mais amplamente nossas reflexões teológicas, como um serviço à Igreja, sobretudo de nosso país. Pouco a pouco pensamos transformá-la na expressão teológica definida de um grupo de teólogos, que busca, segundo a tradição da Companhia de Jesus, num esforço teórico e científico sério de amor e fidelidade à Verdade, no âmbito da justa liberdade acadêmica, servir à Igreja e cumprir a missão recebida da mesma pela voz do Sumo Pontífice e de nossos legítimos Superiores. Abre-se nela naturalmente um espaço para colaborações teológicas de outros que compartilhem conosco esta missão intelectual de leal serviço à Igreja e ao povo. Tal serviço realiza-se no contexto concreto de um Continente agredido por forças de dominação no campo sociopolítico, cultural e religioso, em fidelidade à grande opção do episcopado latino-americano em Medellín e Puebla pelos pobres em vista de sua libertação, sinal de expressão de comunhão e participação (p. 6).

### ***2.3 A vida e a história de uma revista: 25 anos de fundação (v. 25, n. 65, 1993)***

Ao referir-se àqueles idos de 1969, o editorial constatava que a teologia e a Igreja haviam saído profundamente transformadas do embate e refrega dos anos conciliares; que a Igreja tradicionalista havia recebido um golpe de morte; que o distanciamento da Igreja em relação ao mundo moderno havia cessado; que a teologia havia se despedido da velha escolástica e entrava definitivamente na era moderna de pensar; e que o tempo era propício para se falar em diálogo ecumênico e inter-religioso (p. 5).

Das origens da Revista se recordava a sua dupla tarefa: ser um veículo de pesquisa e de divulgação do pensamento teológico em âmbito eclesial e universitário do Continente latino-americano e sobretudo do Brasil. Agora, 25 anos depois, via-se que eram mais desejos que realidade, já que a problemática ainda vinha sendo ditada pelos grandes centros teológicos europeus (p. 5). Os protagonistas fundadores da Revista estavam naquela época à volta com a avassaladora onda de secularização que envolvia o momento histórico marcado pela euforia dos “milagres econômicos” e do início da distensão política, com os primeiros anúncios do fim da guerra fria, e não atentaram de imediato para a problemática latino-americana de Medellín, o nascer da teologia da libertação, e o processo que paulatinamente deixaria para trás uma teologia-reflexo para ser uma teologia-fonte (p 5-6).

Em relação a 1982 se diz que, por ocasião da vinda da Faculdade de Teologia para Belo Horizonte, quis-se marcar uma nova orientação à Revista. Não se tratava de introduzir nenhuma ruptura radical, mas de acentuar a pretensão de “articular séria reflexão teórica com uma pastoral comprometida com o nosso povo pobre e oprimido”, “como um serviço à Igreja, sobretudo de nosso país” (p. 6). Tal missão pensava-se cumprir “num esforço teórico e científico sério de amor à Verdade, no âmbito da justa liberdade acadêmica” e no cumprimento de uma missão recebida da Igreja e da Companhia de Jesus. Por isso, recordava-se a “grande opção do episcopado latino-americano em Medellín e Puebla pelos pobres em vista de sua libertação” e a “orientação corajosa da Ordem” ao assumir sua missão como “serviço da fé, do qual a promoção da justiça constitui uma exigência absoluta” (p. 6).

Em seguida, foi apresentado um olhar atualizado do percurso, constatando que o mesmo espírito orientador das origens permanecia, ainda que os desafios naquele momento fossem outros. Constatava-se ali que a uma secularização triunfante se seguiu um reflorescimento do extremamente ambíguo fenômeno religioso; que muitas novas seitas surgiam; que a teologia era substituída por uma vasta e fluida literatura religiosa das mais diversas tonalidades possíveis que lotavam estantes de livrarias de aeroportos e rodoviárias, que uma tendência de reforçar a centralização romana tomava

o lugar do serviço da hierarquia ao Povo de Deus, à Igreja dos pobres e pecadores, e da aberta ao ecumenismo e diálogo com o mundo moderno. *A figura da Igreja dos pobres havia adquirido tal novidade e vigor que se tornara intolerável ameaça para muitos setores da Igreja.* E, assim a opção nítida da fase belorizontina pelos pobres, pela libertação, pela fé articulada com a promoção da justiça, no espírito da fidelidade à Verdade e da liberdade acadêmica, encontravam também seus percalços naquele momento (p. 6-7).

Apesar das dificuldades, via-se, por outro lado, a necessidade de continuar a batalha pelos ideais ousados que a Revista havia se proposto, sobretudo na sua segunda fase. Era consciente da ousadia de ser *teológica* e do desafio de conservar a riqueza cultural religiosa da fé popular, de um lado, e, de outro, antecipar-se aos problemas que a ameaçavam a fim de prepará-la para os embates da modernidade tardia (p. 7). Detectava-se um duplo perigo à teologia da América Latina que se queria produzir e veicular à Revista: “embalar-se com apoios superficiais e afetivos, sem a consistência crítica, ou recuar ao cômodo servilismo do escriba sem liberdade crítica” (p. 8). A Revista propunha-se, para o seu próximo quartel de vida, “ouvir a realidade, expressa especialmente na vida do povo fiel e sofrido, captar-lhe em profundidade os sinais a fim de oferecer uma palavra de fé refletida” (p. 8).

#### **2.4 50 anos da Faculdade de Teologia – 30 anos da Perspectiva Teológica (v. 31, n. 83, 1999)**

O editorial “Ensino e Método da Teologia” se reportava ao quinquagésimo aniversário da Faculdade de Teologia (1949-1999) e traçava o “clima” teológico daquele final de milênio. Recordava os dois grandes acontecimentos que haviam marcado a orientação da produção teológica e caracterizado as novas gerações de estudantes e professores: O Concílio Vaticano II e a Conferência episcopal latino-americana de Medellín com sua prolongação em Puebla (p. 5). O cenário teológico, outrora marcado pela seguridade do sistema escolástico havia ficado para trás. No mundo científico e na subjetividade moderna não havia mais uma compreensão consensual da fé. *As certezas haviam se fragmentado.* A teologia via-se às voltas com desafios culturais vindos do campo da etnia, do gênero, da ecologia, do surto do sagrado, e debatia-se com um pluralismo sempre crescente de ciências, de epistemes, de saberes, de posições diferentes dentro do mesmo saber, alimentado pela consciência da relatividade de toda conquista humana, de todo conhecimento (p. 8).

Grandes eram as exigências para os docentes de teologia cristã em relação aos filhos de uma geração pós-cristã que desconheciam os dados simples da fé. Do teólogo era exigida uma nova sensibilidade interdisciplinar; uma teologia mais humilde, com menos certezas e mais aproximações; uma renovação do método interno da teologia e da maneira de ensinar se fazia necessária para construir com os estudantes uma nova subjetividade (p. 6-8). Tais exigências serão temas de muitos artigos publicados na

Revista.<sup>2</sup> Na conclusão se expressava um sentimento comum aos teólogos professores de então: “Depois de 50 anos parece que nascemos ontem. Tudo a construir...” (p. 10).

## **2.5 Perspectiva Teológica n. 100 – uma Revista “Espelho” e “Ágora” (v. 36, n. 100, 2004)**

O editorial de 2004, por ocasião do número 100 da Revista, lançando mão das metáforas do “Espelho” e da “Ágora”, nos oferece uma clara compreensão da importância e finalidade da mesma.

“ESPELHO diz certa intimidade, revela nossa aparência e nos permite decidir se estamos ou não em condições de nos apresentar diante dos outros. O que vemos, será visto pelos demais. (...) A ÁGORA, na antiga Grécia, era o lugar público por excelência, onde se debatiam as ideias novas, se faziam os negócios, o cidadão convivia com seus iguais. Nela nos expomos aos olhares e à observação dos outros. Uma revista de teologia é, ao mesmo tempo, espelho e ágora. É o ESPELHO do pensamento da instituição que a publica; é a ÁGORA onde se apresenta aos demais e põe em discussão o resultado das pesquisas dos docentes e de outros colaboradores. (...) A Perspectiva Teológica é, sem dúvida, – e nós sempre o pretendemos, desde que ela passou a Belo Horizonte – o espelho da Faculdade de Teologia do ISI/CES. A quintessência dessa característica são os editoriais (p. 309).

De nada adiantaria ser espelho, se a figura arrumada diante dele não viesse a se expor ao julgamento da ágora; não haveria por que gloriar-se de ser ágora, se não refletisse um pensamento coerente e coeso do corpo docente (p. 312).

Com efeito, era especialmente o editorial que refletia o “pensamento coerente e coeso do corpo docente”, expressando de maneira organizada a síntese da “chuva de ideias” dos professores a respeito de determinado tema teológico, e isso independentemente de quais seriam em concreto os artigos que ali viriam a ser publicados sobre aquele tema e quais “acentos” teológicos eles teriam ou poderiam ter.

## **2.6 25 anos da Faculdade de Teologia em Belo Horizonte (v. 39, n. 107, 2007)**

O redator do editorial concentrou sabiamente a reflexão em torno aos 25 anos da FAJE e da “Escuta da Palavra”.<sup>3</sup> O título “Aprendizes da Palavra”

---

<sup>2</sup> Artigos afins publicados no mesmo fascículo: PALACIO, C. Da ‘Humanis Generis’ à ‘Fides et Ratio’ – uma leitura de 50 nos de teologia, na comemoração dos 50 anos de fundação da Faculdade de Teologia do CES, p. 11-44; BOFF, C. Conselhos a um jovem teólogo, p. 77-96; SUSIN, L. C. Fazer teologia em tempos de globalização – nota sobre método em teologia, p. 97-108.

<sup>3</sup> Recordamos que no ano seguinte, setembro e outubro de 2008, realizou-se o XII Sínodo dos Bispos sobre a Palavra de Deus. O fascículo do v. 41 n. 114 de 2009 foi a ele dedicado. O editorial destacava a justa compreensão de “Palavra de Deus”: “No seu sentido próprio,

nos remetia ao prólogo da Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina *Dei Verbum*, e sob esta luz refletia a tarefa de uma Faculdade de Teologia Católica.

Primeiramente se diz que é em Igreja, portanto na assembleia dos convocados por Deus, que os membros de uma Faculdade de Teologia realizam a primeira tarefa para a qual são chamados: “auscultar a Palavra de Deus” (p. 5). Pressuposto da tarefa teológica é a experiência de fé despertada pela Palavra, que age em nós ao ser proclamada. Assim, o próprio da Faculdade de Teologia é auscultar a Palavra num “lugar” epistêmico com coordenadas bem específicas: a academia, cujas exigências são o questionamento perante as circunstâncias de tempo e lugar, o espírito crítico, o rigor da pesquisa, a sistematicidade, o diálogo com outros saberes (p. 6). Mediar para os contemporâneos uma compreensão da Palavra de Deus como Palavra viva é, pois, a finalidade da escuta acadêmica da Palavra (p. 7).

A seguir se sublinhava que a fé nos é trazida por uma tradição que ouviu a Palavra e que a transmite, mas que ao transmiti-la, inevitavelmente a interpreta. A fé não está fora de uma tradição. Por isso, num contexto em que se multiplicavam as Faculdades de Teologia reconhecidas pelo MEC, e não só de teologia cristã, mas também espírita, umbandista e de outras tradições religiosas não-cristãs, era necessário que uma Faculdade católica pensasse a fé desde dentro de sua tradição própria, fiel à sua identidade católica. A explícita confessionalidade de uma Faculdade de Teologia não é algo secundário, mas uma questão de identidade, sem a qual não é possível dialogar (p. 9).

Neste mesmo fascículo, João Batista Libanio ainda reafirmava a Revista como “expressão teológica bem definida do grupo de teólogos do CES” (Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus). Sua característica central era a do esforço teórico e científico sério de amor e fidelidade à Verdade, no âmbito da justa liberdade acadêmica, em serviço à Igreja, tarefa esta que não pode prescindir da atitude de escuta à Palavra de Deus (2007, p. 75).

## ***2.7 Uma nova fase começa... (v. 49, n. 1, 2017)***

Em 2017, ano em que a Revista completava 35 anos em Belo Horizonte, a palavra do Editor<sup>4</sup> mencionava os preparativos para os 50 anos da

---

Palavra de Deus designa alguém vivo – Jesus Cristo – e não alguma coisa inanimada, como uma mensagem oral, um texto ou um livro. (...) A Palavra se fez carne e habitou entre nós” (p. 157). Dois artigos deste fascículo merecem destaque: KONINGS, J. XII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos sobre a Palavra de Deus, p. 165-190; Dom Eugênio RIXEN. A Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja, p. 253-260.

<sup>4</sup> Do mencionado fascículo tomamos, excepcionalmente, a palavra do Editor que faz a apresentação da nova Revista (e não do Editorial que, nesta ocasião, trazia o tema dos 500 anos da Reforma Protestante).

fundação da Revista e assinalava a entrada da mesma nesta que estamos chamando “terceira fase”.

A Revista se tornava pouco a pouco uma inegável referência no cenário nacional e internacional. Evidência disso já aparecia no envolvimento de pesquisadores de prestígio em seu Conselho Editorial, no grupo de Pareceristas e na publicação de artigos de renomados autores de instituições teológicas nacionais e internacionais (p. 7). Uma explicação do seu novo layout foi dada:

Este perfil da revista ganhou nova logomarca, nova capa. A trama de fundo, um dos elementos da logo da Companhia de Jesus (Jesuítas), mostra a interligação de um corpo apostólico universal, e que o conjunto de sinais sobre a trama, as quatro setas em ângulos diferentes convergindo para o centro da figura, que por sua vez forma uma cruz, diz da missão da PT. O título *Perspectiva Teológica*, em letras vinho, expressa um dos valores da Companhia de Jesus: a “tradição”. Deste modo, o novo layout pretende atestar sua missão: ser referência de qualidade, de credibilidade, de contributo aos debates éticos, sociais e culturais da contemporaneidade, no cenário teológico (p. 7).

Em 2019, na página online da apresentação da Revista, se lê:

A *Perspectiva Teológica* tem como finalidade divulgar a reflexão teológica (no âmbito sistemático, bíblico e pastoral) com qualidade científica reconhecida, estando aberta ao diálogo ecumênico e inter-religioso, bem como a outros campos do saber científico que contribuam para o serviço da fé e o compromisso com a justiça. Deste modo, constitui-se em instrumento a serviço da permanente atualização da teologia e esclarecimento da fé cristã frente aos problemas do mundo pós-moderno.<sup>5</sup>

## ***2.8 Conclusão parcial acerca do percurso realizado***

Observamos que no decorrer do tempo importantes reajustes concernentes à compreensão da finalidade da *Perspectiva Teológica* foram sendo feitos.

Em 1969, a finalidade da criação da Revista era a de atender uma demanda eclesial e universitária, conjugando a necessidade de se criar (no Sul do Brasil), em contexto de acirrada secularização, um órgão de pesquisa e divulgação teológicas de qualidade realizadas na e pela Faculdade de Teologia Cristo Rei como um todo (docentes e discentes) com espaço para peritos da área teológica publicarem relevantes contribuições.

A partir de 1982, com o traslado da Faculdade de Teologia de São Leopoldo para Belo Horizonte, as repercussões teológicas e eclesiais das Conferências Episcopais Latino-americanas de Medellín e Puebla precisavam

---

<sup>5</sup> Ver: disponível em: <<https://www.faculdadejesuita.edu.br/perspectiva-teologica-126/perspectiva-teologica-126>>. Acesso em: 09 set. 2019.

ser recepcionadas, aprofundadas e desdobradas em seu aspecto prático, especialmente à luz da opção preferencial pelos pobres. A nova equipe de redação da Revista conferiu-lhe o acento mais propriamente latino-americano que lhe faltava. Era tempo de insistir mais na passagem de uma “Igreja-reflexo”, que refletia a teologia gestada em ambientes teológicos acadêmicos da Europa, para uma “Igreja-fonte”, que tomava sobre si o desafio de pensar a fé cristã desde a América Latina.

Cerca de uma década mais tarde, mais precisamente em 1993, percebia-se teológica e eclesialmente, a partir da Conferência Episcopal de Santo Domingo (1992), um retrocesso na caminhada da Igreja latino-americana.<sup>6</sup> Contrariamente a esse retrocesso, a Revista mantinha aceso o desejo de manter o acento dado à dimensão prática da teologia que, como tal, não precisava ser simplesmente importada de fora, mas vivida no contexto concreto onde se está, produzida desde a realidade eclesial onde os seus teólogos estão inseridos.

Em 1999, o editorial expressava a forte convicção de que uma nova sensibilidade interdisciplinar estava sendo exigida dos teólogos. Uma teologia mais humilde, inculturada e afetiva precisava ser gestada, praticada e, com renovado método, ensinada. Não atender à nova subjetividade eclesial que emergia no final do segundo milênio e inícios do terceiro era comprometer o futuro da própria Faculdade. A Revista não muda seu acento na dimensão prática, mas expressa a consciência acerca de quem são os novos cristãos destinatários de sua reflexão, a saber, uma nova geração para a qual o Vaticano II e Medellín pouco ou nada significavam, e a fé cristã havia deixado de ser uma evidência.

Em 2004, a metáfora do “Espelho” e da “Ágora” empregada pelo redator do editorial revelava uma preocupação de fundo: a de manter a harmonia entre o que teologicamente se reflete e se produz no interior da Faculdade de Teologia e a recepção dessa reflexão no exterior dela, na ágora dos outros públicos. Não se tratava de oferecer ao público eclesial em geral latino-americano algo “importado”, estranho ao seu contexto, nem tampouco de ficar refém e à deriva de uma pluralidade fragmentada de teologias ou de alguma teologia específica irrefletida ditada pela moda teológica do momento. O desafio dos próximos anos para a Revista seria o de manter a identidade na diferença, ou seja, manter a tensão entre o ser expressão teológica bem definida do grupo de teólogos do CES e o ter que incorporar a diversidade teológica e religiosa no seu conteúdo de divulgação.

---

<sup>6</sup> ANTONIAZZI, A. Interrogações em forma de resposta. Observações sobre a Conferência e as Conclusões de Santo Domingo, v. 20, n. 65, 1993, p. 93-102. Segundo o autor, os resultados de Santo Domingo eram notavelmente fracos, e no que dizia respeito à Evangelização, estávamos, em certas páginas do Documento de Santo Domingo, infelizmente, aquém do Vaticano II (p. 95-96).

Como informação adicional, constatamos que a partir de 2008, a publicação de artigos de graduandos em teologia tornou-se rara e a de mestrados do programa eram poucas. A partir de 2012 também a publicação de artigos de doutorandos em teologia diminuiu drasticamente. Em 2016 era evidente a ausência de artigos de discentes em teologia na Revista. Ela cresceu no quesito especialização e qualificação científica assumindo a exigência de publicar, a partir de então, somente artigos de docentes e pesquisadores doutores/as do Brasil e do exterior.

Referente ao número de artigos, observamos, no dossiê principal, que de 2004 a 2009 a média por fascículo era de 3, com vários outros textos indexados à seção “Notas e Comentários”. De 2010 a 2012 o número subiu para 5. De 2013 a 2015 já eram 6. Em 2017 foram 7. De 2018 para cá tem sido 8 ou 9. Nestes 15 últimos anos os artigos publicados pela Revista somam 245. O número total de artigos, desde 1969 até 2019 n.2, é de 602.

Reportando-nos uma vez mais às metáforas do “Espelho” e da “Ágora”, que em 2004 expressavam tão bem o rosto (o “como se vê” e o “como quer ser vista”) da Revista, precisamos hoje dizer que tais metáforas dificilmente poderiam ser empregadas por ocasião de uma suposta redação do editorial comemorativo n. 150. Se uma revista de teologia deve ser o espelho do pensamento da instituição que a publica e o meio pelo qual tal pensamento se apresenta aos demais, é fácil notar que tal compreensão sofreu, nestes últimos 15 anos, uma mudança considerável. Hoje a *Perspectiva Teológica* não é, sem mais, a mesma, nem poderia ser. Ao atender e incorporar as exigências dos novos critérios avaliativos de periódicos pela Capes e as dos indexadores internacionais, o caráter originalmente mais endógeno do conteúdo teológico divulgado deu lugar a um caráter cada vez mais exógeno. Nas primeiras décadas da Revista, os autores externos respondiam por cerca de 20% dos artigos nela publicados. Hoje, esse índice está invertido. Antes fora dito que na Revista nos expomos aos olhares e à observação dos outros. Hoje é preciso dizer que esse expor-se à observação dos outros deve se dar por meio dos artigos publicados em qualificados periódicos “dos outros”. O “espelho” tornou-se uma espécie de mosaico de vidros e cores que oferece variadas imagens como que miniaturizadas de instituições e centros teológicos distintos, com aportes e enfoques teológicos também distintos nas suas relações possíveis com áreas afins como ciências da religião, filosofia, sociologia, psicologia, literatura, arte, entre outros.

E assim, em 2019, temos claro que a desejada qualidade científica reconhecida no universo acadêmico atual exige dos teólogos da Faculdade de Teologia uma abertura sem precedentes ao diálogo ecumênico, intercultural, inter-religioso e com outros campos do saber científico, com a única ressalva de que estes últimos “contribuam para o serviço da fé e o compromisso com a justiça”.

### 3 A Revista e os grandes eventos eclesiais

#### 3.1 O Concílio Vaticano II

O Concílio Vaticano II (1962-1965) foi sem dúvida o grande evento eclesial do século XX. À luz desse evento se realizaram as quatro últimas Conferências Gerais do Episcopado da América Latina (e Caribe), com seus avanços, e também alguns retrocessos, em relação àquele. Mais do que expressar o momento histórico em que aqueles eventos ocorreram, faremos – sempre a partir da leitura dos editoriais da Revista – a memória teológico-crítica de sua recepção em ocasiões comemorativas ou jubilares de tais eventos.

##### 3.1.1 30 anos do Concílio Vaticano II (v. 27, n. 73, 1995)

O fascículo n. 73 foi dedicado ao trigésimo ano do encerramento do Concílio: “30 anos depois: Uma nova recepção do Concílio”.<sup>7</sup> O editorial, intitulado “Para uma segunda recepção do Vaticano II”, sublinhava que as dificuldades que foram surgindo na Igreja depois do Concílio, relativas à sua recepção, não poderiam, sem mais, ser atribuídas ao próprio Concílio, já que isso equivaleria a idealizar o pré-Concílio como um tempo de serenidade que, em verdade, nunca existiu (p. 294).

Trinta anos depois já era possível superar a tentação de ver no Concílio a origem de todos os males. Era tempo de uma “re-recepção” do Concílio (nas palavras de Y. Congar), ou seja, uma segunda recepção. O motivo principal se encontrava no próprio contexto histórico-social que havia mudado e, com ele, os desafios. Era necessário resgatar o “espírito” do Concílio na totalidade do evento conciliar (p. 294).

Captar o espírito do Concílio exige que ele seja interpretado de maneira aberta, e a direção dessa abertura vinha indicada naquilo que foi a intenção do Concílio: reconciliar a Igreja com o mundo moderno (p. 294-295). Uma geração pós-conciliar, com suas exigências e expectativas, estava surgindo, e o tempo se apresentava como oportunidade para fazer o resgate da “memória” integral do que foi e quis ser o Concílio como um acontecimento do Espírito. Um tal acontecimento não se esgota na letra, nem pode ser deixado à arbitrariedade das interpretações subjetivas, como também não pode ser reivindicado em exclusividade por uma única interpretação autoritativa (p. 296).

---

<sup>7</sup> Artigos afins publicados no mesmo fascículo n. 73: LIBANIO, J. B. A trinta anos do encerramento do Concílio Vaticano II, p. 297-332; PALACIO, C. O legado da “*Gaudium et Spes*”. Riscos e exigências de uma nova “condição cristã”, p. 333-353; BARREIRO, A. Superação do dualismo entre fé cristã e compromisso terrestre. Atualidade de um tema central da *Gaudium et Spes*, p. 335-368.

Nas entrelinhas do editorial percebe-se aquela atmosfera impregnada pela sensação de um certo retrocesso na caminhada da Igreja latino-americana naqueles primeiros anos após a Conferência Episcopal de Santo Domingo.

### 3.1.2 40 anos do Concílio Vaticano II (v. 37, n. 101, 2005)

“O Vaticano II: 40 anos depois” é o título deste fascículo.<sup>8</sup> O editorial “A recepção do Concílio Vaticano II: entre o desencanto e a esperança” reunia sinteticamente os elementos teológico-eclesiais fundamentais daquele evento, a começar pela ação do Espírito que havia se manifestado na convocação do mesmo por São João XXIII e em todo o desenrolar do Concílio. Uma concepção da Revelação como depósito inerte e intocável das “verdades” da fé estava superada pela perene e sempre atual autocomunicação de Deus através da sua Palavra; da unidade da Trindade havia se chegado agora a uma nova imagem da unidade das Igrejas cristãs; o horizonte do diálogo inter-religioso passou a ser vislumbrado com otimismo (p. 6).

Contudo, a proposta conciliar de reforma ou renovação devia abranger a configuração global da Igreja e por isso se apresentava como um desafio à conversão da Igreja, como um todo. Enquanto a Igreja não for capaz de modificar a configuração das estruturas institucionais, não pode haver verdadeira e plena recepção do Concílio. Já se previa ali que o caminho a percorrer seria longo e penoso, porém possível e mesmo inevitável para a sobrevivência da Igreja de Jesus Cristo, como inevitável o é a opção pelo Evangelho. A fidelidade à fé exigia a mudança, a conversão da Igreja em todos os seus níveis (p. 8). Se a dificuldade para a recepção do Concílio se encontra na exigência *kenótica* (despojamento) do caminho a ser seguido, que é o caminho de Jesus Cristo, também aí é que se encontra a fonte da esperança (p. 10).

### 3.1.3 50 anos do início do Concílio Vaticano II (v. 44, n. 123, 2012)

Ao fazer, desta vez, a memória dos 50 anos da abertura do Concílio<sup>9</sup>, o editorial “Concílio Vaticano II: memória e esperança” recordava a importância do discurso inaugural do Papa João XXIII por sua repercussão no Concílio como um todo. Nele o Papa havia expressado o desejo de um caráter *pastoral* para as deliberações conciliares. Não significava, pois, nenhuma diminuição de sua relevância, mas antes um avanço inédito na história dos Concílios. Com efeito, *pastoral* não tinha o sentido pragmático de meras

<sup>8</sup> Artigos afins publicados no mesmo fascículo n. 121: RUIZ DE GOPEGUI, J. A. O Concílio Vaticano II quarenta anos depois, p. 11-30; CODINA, V. O Vaticano II, um concílio em processo de recepção, p. 89-104.

<sup>9</sup> Artigos afins publicados no mesmo fascículo n. 123: THEOBALD, C. O Estilo Pastoral do Vaticano II e sua recepção pós-conciliar. Elaboração de uma criteriologia e alguns exemplos significativos, p. 217- 236; KONINGS, J. Interpretar a Bíblia aos cinquenta anos do Concílio Vaticano II, p. 237-256.

ações da Igreja enquanto a doutrina gozaria, ela sim, de poder de definir verdades. Na verdade, *pastoral* exigia mudança de olhar, conversão. Esta conversão do olhar afetava a compreensão da doutrina e o próprio agir da Igreja e sua disciplina à medida que se voltava para a figura normativa de Jesus no seu agir, pregar, viver, morrer e ressuscitar (p. 177-178).

No entanto, a recepção sofria a oscilação hermenêutica. Esta se expressava em termos de continuidade ou ruptura em relação à grande tradição cristã dos concílios anteriores. Observou-se que uma linha superconservadora estava a desvalorizar o Concílio sob o pretexto de ter sido pastoral, enquanto privilegiava os ensinamentos, quer de concílios anteriores, quer do magistério ordinário. O que ocorria é que não se estava interpretando o Concílio a partir de sua opção fundamental, mas de elementos externos a ele, deitando assim a perder o “espírito”, a inspiração *pastoral* do Concílio. Além disso, o editorial manifestava a inquietação decorrente da percepção de que na jovem geração clerical, e em certos novos movimentos eclesiais de leigos, as ressonâncias do Concílio se silenciavam, e não se percebia entusiasmo para despertá-las do sono do cansaço do peso institucional e do tédio pós-moderno (178).

### **3.1.4 50 anos do encerramento do Concílio Vaticano II (v. 47, n. 132 e 133, 2015)**

Após o primeiro fascículo de 2015 ter sido dedicado à questão da Família (n. 131), os outros dois seguintes tiveram em mira os 50 anos da conclusão do Concílio. “O papel específico de um periódico de teologia nesse contexto consistirá em propor, a partir do *sentire cum Ecclesia*, temas teológicos que impulsionem a reflexão sobre os conteúdos da fé cristã de forma consequente” (EDITOR, v. 47, n. 132, p. 153).

Tal proposta não se fez desde uma perspectiva global do Concílio, mas concentrou-se especialmente nas duas últimas constituições promulgadas: *Gaudium et Spes* e *Dei Verbum*.

O editorial “A Igreja no mundo: alegria e esperança”<sup>10</sup> acerca do quinquagésimo aniversário da promulgação da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* dizia que na dinâmica de recepção do Concílio pelas comunidades eclesiais era urgente “retomar o ensinamento deste importante documento e as suas intuições originais. Só assim tornar-se-ia possível defendê-lo de certa crítica que o classifica como um ‘texto menor’, se comparado às constituições dogmáticas *Lumen Gentium* e *Dei Verbum*, e à constituição *Sacrosanctum Concilium* (p. 155).

Há de se entender, antes de tudo, que a aplicação do adjetivo *pastoral* ao substantivo “constituição”, longe de reduzir a GS a um status de menor im-

<sup>10</sup> Artigo afim publicado no mesmo fascículo n. 132: ROUTHIER, G. *Gaudium et Spes: a aprendizagem da Igreja Católica no diálogo com o mundo*, p. 161-178.

portância no magistério conciliar, reconhece-lhe caráter de chave hermenêutica de todo ensinamento proposto pelos Padres conciliares. Não por acaso, das quatro constituições do Vaticano II, a GS foi a última a ser promulgada, bem à véspera do solene encerramento do Concílio, fato que indica o espírito que deveria nortear, desde então, todos os esforços a se fazerem na recepção deste mesmo ensinamento (p. 155).

*Pastoral* significa muito mais do que “fazer coisas”: trata-se de ser transparência da presença de Deus Trindade que se autocomunica ao homem, chamando-o a viver em aliança com Ele (DV, n. 2-6). A prática da caridade nas circunstâncias ordinárias da vida, e não só nas ações retumbantes (GS, n. 38), é que se identificará com “o esforço para instauração da fraternidade universal” (GS, n. 38) (p. 155-156).

“Pela sua encarnação, o Filho de Deus uniu-se de certo modo a todo homem (GS, n. 22)”. Essa é a afirmação que norteia a reflexão antropológica da constituição pastoral. Por fim, conclui-se: “após cinquenta anos de sua promulgação, GS é atual em suas intuições básicas e motivadora da vivência cristã na sociedade hodierna. Demonstra-se sua recepção por um documento pontifício recente: a exortação apostólica *Evangelii Gaudium* (EG) do Papa Francisco” (p. 158).

O editorial dedicado ao cinquentenário da promulgação da *Dei Verbum*<sup>11</sup> (“À escuta da Palavra”) recordava que a constituição sobre a Revelação Divina foi a que mais ocupou a aula Conciliar. Começou a se discutir um mês depois do início do Concílio (14/11/1962) e só foi promulgada vinte dias antes de sua finalização (18/11/1965). “O caminho obrigatório para falar da revelação colocou o acento na Palavra de Deus”, que “não está ‘escrita’ só nas Sagradas Escrituras, mas também “contida” na Tradição que ‘o magistério vivo da Igreja’ interpreta autenticamente” (p. 323).

A Constituição Dogmática *Dei Verbum* coloca, desde o início, a Igreja à escuta da palavra: “ouvindo religiosamente a Palavra de Deus e proclamando-a com confiança, o Sagrado Concílio...” (DV, n. 1). “E por esta disposição toda a Igreja una se sabe como aquela comunidade que escuta e transmite”. O que escuta e transmite não é a sua própria sabedoria, mas “a sublime ciência de Jesus Cristo” (DV, n. 21), a Palavra feita carne, evangelho do Pai para toda a humanidade. “Na obediência da fé, a Igreja povo de Deus escuta essa palavra e a pratica” (p. 327).

Ainda que não mencionemos aqui artigos dedicados em ocasiões diversas às duas outras constituições conciliares (LG e SC), cremos ser possível interpretarmos o caráter marcadamente pastoral do Concílio, bem como

---

<sup>11</sup> Artigos afins publicados no mesmo fascículo n. 133: KONINGS, J. Vaticano II e o novo olhar sobre o Livro Antigo, p. 329-345; CANTARELA, A. G. A questão dos gêneros literários e outros aspectos relativos à linguagem na *Dei Verbum*, p. 347-368; IRARRAZAVEL, D. Verbo de Dios y meditaciones religiosas en el pueblo, p. 387-397.

o lugar teológico-eclesial de todos os demais documentos conciliares, à luz de DV e GS, tomando-as respectivamente como o vetor vertical (Deus vem, desce, ao encontro dos homens e mulheres em Cristo Jesus) e horizontal (a Igreja, ao modo de Jesus Cristo, vai ao encontro dos homens e mulheres do mundo).

### ***3.2 As Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano***

As quatro Conferências Episcopais latino-americanas realizadas nos tempos pós-conciliares (Medellín 1968, Puebla 1979, Santo Domingo 1982 e Aparecida 2007) são analisadas por referência ao Concílio Vaticano II. Questão fundamental de tal análise é a recepção do “espírito” do Concílio pela Igreja presente e atuante na América Latina.

#### ***3.2.1 Medellín: 30 anos e Puebla: 20 anos (v. 31, n. 84, 1999)***

O fascículo “Medellín 30 anos, Puebla 20 anos”<sup>12</sup> dedicava o editorial à Conferência Episcopal de Puebla. O título provocador: “Dos pobres à ‘visibilidade eclesial’?”, apontava qual era a Puebla de que valia a pena fazer memória. Tratava-se da Puebla simbólica, ou seja,

a Puebla que marcou época e fez história, a Puebla do imaginário eclesial latino-americano, a da Conferência da opção preferencial pelos pobres, das Comunidades eclesiais de base, da teologia da libertação (sequer mencionada no Documento real), da comunhão e participação, da condenação dos regimes de segurança nacional, aberta para os construtores da sociedade pluralista. É a Puebla do texto antológico sobre os rostos sofredores. É a Puebla denunciadora da idolatria do sistema vigente. Esta não deve ser perdida. Não pode ser perdida. É fruto maduro do Espírito. (...) Graças a Puebla e sua recepção, a opção preferencial pelos pobres passou a toda a Igreja (p. 158).

Contudo, via-se claramente que os pobres não diminuíram, a Igreja não se descentralizou em comunidades de base (antes tornou-se mais centralizada, autoritária), a teologia parecia andar buscando novos interlocutores que lhe dessem alguma relevância além dos estreitos muros eclesiais, os países do Continente, sob o manto de uma democracia formal, cometiam desmandos

---

<sup>12</sup> Artigos afins publicados no mesmo fascículo n. 84: CALIMAN, C. A trinta anos de Medellín: uma nova consciência eclesial na América Latina, p. 163-180; GÓMEZ DE SOUZA, L. A. A caminhada de Medellín a Puebla, p. 223-234. COMBLIN, J. Puebla: 20 anos depois, p. 201-222. Artigos de 1979, v. 11, n. 24: ADAMI, L. Puebla: A dimensão política, p. 97-121; TABORDA, F. Mensagem aos povos da América Latina. Tentativa de interpretação, p. 75-82; HORTAL, J. A Eclesiologia de Puebla, p. 79-122; GOMES, P. G. Os meios de comunicação social no Documento de Puebla, p. 123-130; FROEHLICH, H. Perspectivas pastorais de Puebla para as regiões de missões, p. 131-136; ANTONCICH, R. La enseñanza social de la Iglesia en Puebla, v. 11, n. 25, p. 203-232. Artigos de 1980, v. 12, n. 26: ADAMI, L. Puebla: a evangelização da cultura, p. 23-56; SCHNEIDER, J. O. Puebla e visão da realidade social, p. 65-88. Em 2019, v. 51, n. 2: PASSOS, J. D. Puebla: historicidade e opções teológicas, p. 355-374.

por vezes mais escandalosos que os do regime militar, os construtores da sociedade não ouviram o apelo de justiça social, e o capitalismo excludente assumia novas faces (p. 159).

Era preciso continuar a “recepção” de Puebla de forma mais criativa do que outrora, buscando o Espírito que inspirou os bispos lá reunidos e atuou sobre as Igrejas do Continente para selecionarem o melhor do documento e acolherem-no com entusiasmo (p. 159).

Não há inculturação, quando os pobres são esquecidos, porque a encarnação que caracteriza a profissão de fé cristã é a encarnação quenótica, do esvaziamento, da opção preferencial pelos pobres, das minorias, do fermento, do grão de mostarda. (...) Uma Igreja que não se importa com os pobres não é a de Cristo. Uma Igreja que se baseia no triunfalismo não é a do Crucificado. Uma Igreja só da alegria oca dos shows musicais multitudinários não é a do Ressuscitado que traz em seu corpo as chagas da crucificação (p. 160).

É preciso, contudo, sublinhar que é Medellín (e não Puebla) o marco indelével, o divisor de águas, o que dá início a uma história da Igreja propriamente latino-americana, com tudo o que isso implica cultural, social, eclesial e teologicamente. Medellín foi a recepção criativa do Concílio Vaticano II na América Latina.

Por isso, Medellín só se compreende à luz do Concílio Vaticano II; e Puebla, por sua vez, precisa ser vista à luz daqueles eventos anteriores. Nem tudo em Puebla está em sintonia com Medellín. Por exemplo: a entrada da “opção pelos jovens” em Puebla foi interpretada por alguns teólogos latino-americanos como um enfraquecimento da “opção pelos pobres” de Medellín. E assim, “enquanto alguns veem em Puebla um novo vigor para Medellín, outros são do parecer que Puebla ‘domesticou’ Medellín, ou já começava a ‘frear’ o impulso dado à Igreja latino-americana por Medellín” (Editorial, v. 50, n. 1, 2018, p. 11).

### **3.2.2 Medellín: 50 anos (v. 50, n. 1, 2018)**

No ano da comemoração dos 50 anos daquele acontecimento, que levou a Igreja a deixar de ser “Igreja-reflexo” para se tornar “Igreja-fonte” (nas palavras de Henrique de Lima Vaz), ressaltou-se no editorial “Medellín: 50 anos — história, memória, promessa”<sup>13</sup> a importância e a atualidade daquele evento<sup>14</sup> (p. 11).

<sup>13</sup> SUREKI, L. C. Medellín: 50 anos — história, memória, promessa, v. 50, n. 1, 2018, p. 11-17 (Editorial).

<sup>14</sup> Artigos afins publicados no mesmo fascículo v. 50, n. 1: COSTADOAT CARRASCO, J. Identidade da teologia latino-americana e a Teologia da Libertação, p. 19-40; CODINA, V. As exposições de Medellín, 59-76; FIGUEROA DECK, A. Medellín: Fertile Seeds of Pastoral Conversion in the United States, p. 77-92. Artigo de 2019, v. 51, n. 1: TABORDA, F. A Conferência de Medellín como recepção do Vaticano II, p. 115-132.

Medellín havia manifestado o desejo de que a Igreja Povo de Deus (LG, n. 9-17) fosse também a Igreja pobre e dos pobres, e assim, uma Igreja de todos. A opção pelos pobres, radicada na fé cristológica, precisava e continua precisando hoje, talvez mais que em outros tempos, ter mais visibilidade na configuração da Igreja (p. 16).

O caráter profético de Medellín, que se diz especialmente em relação à diaconia histórica da Igreja, ou seja, ao seu serviço ao mundo (GS, n. 42), à sua contribuição para o progresso e o desenvolvimento humano e social (GS, n. 43), precisa ser reencontrado e reanimado (p. 16).

Fazer memória dos 50 anos de Medellín é excelente oportunidade de deixar-nos envolver pelo Espírito divino que soprou vida à Igreja latino-americana e que inspirou uma teologia alimentada pela práxis, pela força transformadora do Reinado de Deus, a Boa Nova trazida por Jesus Cristo. Os desafios referentes à pobreza, à reflexão teológica corajosa e à formação das comunidades cristãs à altura da nova consciência eclesial-missionária, inaugurada em Medellín e retomada em Aparecida, continuam muito presentes (p. 17).

Com efeito, a Conferência de Aparecida (2007) iria se confrontar com uma dupla necessidade: resgatar as opções fundamentais de Medellín, por um lado, e resistir às forças que as vinham minando a décadas, por outro lado. Era preciso resgatar o dinamismo do Espírito que soprou no Concílio e em Medellín para superar o marasmo eclesial deixado pela Conferência de Santo Domingo.

### 3.3 A Conferência de Santo Domingo

Não se dedicou um *editorial* especial à Conferência (respectivamente, ao Documento) de Santo Domingo. Contudo, o fascículo n. 65, de 1993, que recordava os 25 anos da Revista *Perspectiva Teológica*, compartilhava o espaço com as “Leituras de Santo Domingo”. Deste número, faremos apenas uma alusão ao “clima” teológico de então a partir do artigo de Victor Codina, “Crônica de Santo Domingo”<sup>15</sup>. Codina tecia severas críticas à eclesiologia do Documento. Segundo ele, a eclesiologia de Santo Domingo estava mais próxima da eclesiologia da Nova Cristandade do que da eclesiologia do Povo de Deus, e a pneumatologia estava muito identificada com a Igreja, e sobretudo com a hierarquia, como se o Espírito não tivesse sido derramado sobre toda a carne. No Documento havia

---

<sup>15</sup> CODINA, V. Crônica de Santo Domingo, v. 20, n. 65, 1993, p. 77-89. Outros artigos afins publicados no mesmo fascículo: MURAD, A. Documento de Santo Domingo: princípios hermenêuticos de leitura, p. 11-30; ANTONIAZZI, A. Interrogações em forma de resposta. Observações sobre a Conferência e as Conclusões de Santo Domingo, p. 90-98. Em 1992, v. 24, n. 63: ANTONIAZZI, A. Os temas de Santo Domingo. Reflexões a partir da “Secunda Relatio” (fevereiro de 1992), p. 227-236. Em 1993, v. 25, n. 67: SUESS, P. O Evangelho nas culturas: caminhos de vida e esperança – apontamentos para o V Congresso Missionário Latino-americano, p. 303-321.

implicitamente como que um desejo de silenciar temas e acontecimentos que tinham marcado a vida da Igreja latino-americana naqueles anos: a leitura popular da Bíblia, o ressurgir das CEBs, o martírio, a caminhada da Vida Religiosa, a Teologia da Libertação, e lhe parecia que se queria voltar a uma teologia mais tradicional, mais segura, sem mediações, mais “espiritual”, ligada mais ao tema da reconciliação do que ao da libertação, tema este que havia desaparecido totalmente (p. 87-89).

Em 2006, estando próxima a realização da Conferência de Aparecida, registrava J. B. Libanio, que em Santo Domingo a Igreja latino-americana teve pouca liberdade de expressão. Vivia-se um processo de contenção eclesiástica e as desconfianças respeito à Igreja da libertação eram grandes. A preocupação de fundo era a de reconduzir a Igreja a essas novas orientações. A Conferência havia se reunido no clima da memória dos 500 anos de encontro com as Américas (1492) e Primeira Evangelização. O que propunha era apresentado como uma Nova Evangelização. Enquanto uma de suas opções de fundo incentivava as comunidades eclesiais de base, outra insistia nos movimentos apostólicos dos leigos de cunho internacional, matizando, assim, a radicalidade da opção preferencial pelos pobres (2006, p. 200-202).<sup>16</sup>

Estes artigos mencionados mostram que o clima de otimismo gerado por Medellín havia se abrandado um pouco em Puebla e quase desaparecido em Santo Domingo. Um certo pessimismo eclesial se faz sentir. A causa principal deste pessimismo eram os claros indícios de uma volta à centralização hierárquica da Igreja, o enfraquecimento da opção preferencial pelos pobres e a ausência de algum reconhecimento e incentivo à Teologia da Libertação.

### *3.4 A Conferência de Aparecida (v. 39, n. 109, 2007)*

Em 2007 realizou-se a Conferência de Aparecida. O fascículo “Depois de Aparecida”<sup>17</sup> trazia no editorial um balanço teológico-eclesial do evento sob o título: “O Documento conclusivo de Aparecida: desafios e esperanças”. O Documento de Aparecida via a realidade como “A vida de nossos povos hoje”, julga-a à luz de “A vida de Jesus Cristo nos discípulos missionários”, e incentivava a ação de levar “A vida de Jesus Cristo para nossos povos”. O

<sup>16</sup> Ver também: CNBB. Síntese das contribuições da Igreja no Brasil à Conferência de Aparecida, v. 38, n. 106, 2006, p. 403-432.

<sup>17</sup> Artigos afins publicados no mesmo fascículo n. 109: BRIGHENTI, A. Aparecida: as surpresas, sua proposta e novidades, p. 307-331; LIBANIO, J. B. A V Conferência do Episcopado da América Latina e do Caribe, 369-378. Artigos de 2007, v. 39, n. 107: BRIGHENTI, A. Rumo à V Conferência de Aparecida, p. 103-118; VALENTINI, D. Expectativas da Quinta Conferência, p. 85-102. Em 2008, v. 40, n. 110: FRANÇA MIRANDA, M. Cultura e Evangelização no Documento de Aparecida, p. 77-85. Em 2018, v. 50, n. 3: PASSOS, D. O Laicato a partir do Documento de Aparecida, p. 541-557.

Documento repisa constantemente o binômio *discípulos e missionários*; revela forte preocupação pela “identidade católica”, ao mesmo tempo que se pronuncia favoravelmente ao diálogo ecumênico; reafirma claramente a opção preferencial pelos pobres, mas não se debruça sobre a questão dos ministérios e a escassez de presbíteros. Além disso, e apesar de o Documento lamentar o fato de que o aspecto mais exitoso da globalização é o econômico, não denuncia explicitamente o capitalismo liberal. Digno de nota é a presença do tema novo da preocupação com a questão ecológica no conjunto da qual já se atenta, entre outros, para a necessidade de preservação da Amazônia. Registra ainda o impulso que deve ser dado à reflexão filosófica, teológica e pastoral com vistas a fortalecer a identidade cristã e o desejo de desenvolver a criatividade pastoral, potencializar o que é nosso, e propor uma teologia capaz de interagir com as ciências sociais (p. 302-305).

É certo que várias questões que tinham sido debatidas pelos bispos não foram contempladas no Documento conclusivo, e outros importantes pontos ou sequer foram discutidos, ou receberam formulações enfraquecidas, de modo que os limites e as lacunas do Documento permaneciam a desafiar a reflexão teológica e a criatividade pastoral de todos os fiéis e pastores (p. 305).

O Documento conclusivo é também programático. As soluções dos problemas nele apontados não poderão ser encontradas magicamente, mas hão de se dar no processo de sua recepção por todo o Povo de Deus que peregrina na América Latina e no Caribe (p. 306). Aparecida voltou-se para a centralidade de Jesus Cristo e sua missão no intento de reavivar a consciência do ser cristão a partir do encontro com Cristo.

Renovada atmosfera eclesial haveria de surgir a partir da eleição de Jorge Mario Bergoglio (13/03/2013) ao papado romano. Ao pontificado do Papa Francisco dedicamos, a seguir, algumas considerações, porque de 2014 para cá as referências a ele na *Perspectiva Teológica* são demasiado abundantes para serem ignoradas.

#### **4 A Perspectiva Teológica nos tempos do Papa Francisco**

O editorial do primeiro fascículo de 2014 (v. 46, n. 128)<sup>18</sup> falava em “Reforma na Igreja, Reforma da Igreja” e, após um recorrido histórico das

---

<sup>18</sup> Artigos afins publicados neste mesmo fascículo n. 128: FELLER, V. G. A Reforma da Igreja, p. 21-44; VILLAS BOAS, A. Reforma eclesial e recepção conciliar: crise da linguagem teológica e recepção estética do Vaticano II, p. 45-70; SESBOUË, B. História e teologia da infalibilidade da Igreja, p. 71-88. Recordamos também que neste fascículo n. 128, a equipe de redação dedicou uma homenagem a João Batista Libanio, entre os professores da FAJE certamente o maior colaborador na *Perspectiva Teológica* em sua fase belorizontina, falecido em 30 de janeiro de 2014 (p. 9-13). Acerca do “Legado humano, teológico e espiritual de J. B. Libanio”, um artigo de Leonardo Boff foi publicado no fascículo seguinte (n. 129) naquele mesmo ano.

grandes 'reformas' da Igreja ao longo dos séculos, passando por Martinho Lutero e o Concílio Vaticano II, elencava algumas razões que, segundo a equipe editorial, "explicam a mudança dos ânimos, ao mesmo tempo em que advertem para os obstáculos que a Reforma "franciscana" da Igreja irá encontrar" (p. 18).

A primeira delas é que Francisco dava sinais constantes de que "a Igreja não deve ser autorreferente. Deve olhar para o mundo, e não para si, anunciando a todos a alegria do Evangelho" (p. 19). Outra razão para otimismo era o fato de o Papa ter se apresentado como Bispo de Roma, o que seria um indicador da necessária reforma do papado, da cúria romana e do colégio cardinalício (p. 19). Outra muito provável

razão da boa acolhida que Francisco teve, não somente entre cristãos e crentes, mas por todos os homens de boa vontade, se encontra na forma como ele acolhe as pessoas, olhando-as nos olhos, pedindo-lhes oração e dessa forma desmistificando a figura do papa, mostrando que ele quer ser apenas o "servo dos servos de Deus" (p. 20).

Provavelmente, os obstáculos à reforma não viriam dos fiéis membros do povo de Deus, mas daqueles representantes da hierarquia eclesial habituados com a secular estrutura eclesial piramidal, clericalizada e conservadora.

O fascículo v. 48, n. 1 de 2016<sup>19</sup> foi inteiramente dedicado ao Pontificado do Papa Francisco e à *Laudato Si'* com vista a refletir sobre o significado do ministério apostólico do Papa, acentuando a orientação teológica e pastoral que ele tem proposto à Igreja. Desde a *Laudato Si'* ressoava o chamado à toda a Igreja para que saísse ao encontro dos que estão nas periferias existenciais e sociais e que com todos os habitantes do Planeta assumissem o cuidado pela "casa comum".

"O Papa da conversão e da misericórdia" foi o título do editorial assinado por Johan Konings e Geraldo Luiz De Mori), no qual foi contemplado especialmente à luz das exortações apostólicas *Evangelii Gaudium* (2013) e *Amoris Laetitia* (2016), e a encíclica *Laudato Si'* (2015).

Do editorial acerca da *Evangelii Gaudium* registramos que "a alegria do evangelizar é a chave para sua leitura". "Evangelizar não é um dever

---

<sup>19</sup> Artigos afins publicados no mesmo fascículo v. 48, n. 1: FAGGIOLI, M. Ecumenism in *Evangelii Gaudium* and in the context of Francis' Pontificate, p. 17-36; PASSOS, J. D. A reforma do papado: primado na colegialidade, p. 37-58; TAVARES, S. Evangelho da criação e ecologia integral: uma primeira recepção da *Laudato Si'*, p. 59-80; LUCIANI, R. La opción teológico-pastoral del Papa Francisco, p. 81-116; CORRÊA LIMA, L. Os LGBT e o pontificado de Francisco, p. 117-144; SOUZA, J. N. A *Laudato Si'* na perspectiva do método: "ver, julgar e agir", p. 145-162. Outros artigos publicados em 2017, v. 49, n. 2: PASSOS, J. D. As reformas do Papa Francisco: conjuntura, significados e perspectivas, p. 353-374; SOUZA, A. A experiência como chave de concretização e continuidade da Igreja de Francisco, p. 375-397.

que se impõe extrinsecamente, mas uma missão que nos é confiada para a realização do bem que procura comunicar-se” (p. 12). Francisco toma posição contra a ideologia de consumo que devasta a nossa sociedade e, com ela, o mundo (como mostrará na *Laudato Si'*). O Papa vê a Igreja não voltada sobre si mesma, mas “em saída”, como comunidade de discípulos-missionários, que age como uma mãe de coração aberto, acolhedora (p. 12-13). O texto de EG mostra a união inseparável da confissão da fé e do compromisso social, da recepção do Evangelho e do amor fraterno. Reiterando o lugar privilegiado dos pobres, EG assume a linguagem do cuidado (p. 13).

Já a exortação *Amoris Laetitia* “quer sair de uma moral familiar e sexual restritiva, muitas vezes percebida como opressora, descartada por grande número de católicos, para uma ética que parte da situação das famílias” (p. 13). Abrindo a possibilidade para reinterpretções de antigas diretivas do magistério, AL sublinha “a importância da consciência das pessoas”, e “abre a perspectiva de uma descentralização na tomada de decisão pastoral, permitindo que os episcopados locais tomem decisões com base na própria situação e cultura locais” (p. 13).

Contemplando o meio ambiente desde uma percepção global, interligado, interconectado, como “casa comum” de toda a humanidade, como nossa ‘mãe’ que precisa de cuidado (p. 14), a pedagogia do Papa Francisco, em *Laudato Si'*, “propõe ao mesmo tempo seriedade e alegria, generosidade e sacrifício. Assim, embora criticando a ‘mundanidade’, ele ensina um profundo humanismo” (p. 15). “Seu pontificado é um convite a que a Igreja seja ‘perita em humanidade’, e continua, com evidência, atualizando a linha inaugurada pelo Concílio Vaticano II” (p. 16).

Em 2018, ao se fazer a memória dos 50 anos da Conferência Episcopal de Medellín, o Papa Francisco voltou à capa da *Perspectiva Teológica* (v. 50, n. 1). O tema do fascículo “De Medellín a Francisco”<sup>20</sup> sugere que o ministério de Francisco torna presente e atualiza o compromisso da Igreja neste Continente, firmado há cinco décadas. Em *Evangelii Gaudium*, o Papa convida toda a Igreja a evangelizar com alegria, com audácia e criatividade, a repensar objetivos, estruturas, estilos, métodos evangelizadores. Medellín significou justamente esta audácia da Igreja latino-americana, em chave missionária, à luz da Boa Notícia de Cristo.

Após apresentar as alentadoras contribuições de Medellín para a Igreja latino-americana, o editorial aponta no pontificado de Francisco três aspectos

---

<sup>20</sup> Artigo afim publicado no mesmo fascículo, v. 50, n.1: AQUINO JUNIOR, F. 50 anos de Medellín – 5 anos de Francisco: perspectivas teológico-pastorais, p. 41-58. Em 2018: LOPES SANCHEZ, W. Francisco e as migrações. Um olhar a partir das mensagens para o dia mundial do migrante e do refugiado (2014 a 2018), v. 50, n. 2, p. 325-342; BENTO, F. R. Adeus reformismo – Papa Francisco e a Doutrina Social da Igreja, v. 50, n. 3, p. 509-523.

ou desejos que estavam muito presentes em Medellín. Primeiro, o desejo de que a Igreja Povo de Deus seja também a Igreja pobre e dos pobres, e assim, uma Igreja de todos. Segundo, a opção pelo ser humano e sua dignidade, assumida com coragem, sobretudo junto aos pobres, excluídos, feridos (o que corresponde à Igreja 'hospital de campanha', 'samaritana' de Francisco). Terceiro, o caráter profético ligado à diaconia histórica da Igreja, ou seja, ao seu serviço ao mundo (no espírito de GS, n. 42), à sua função de denunciar as injustiças (15-16).

O Papa latino-americano tem consigo e conhece bem aquela teologia que começou a ser gestada neste Continente a partir de Medellín. Neste sentido, entendemos ser apropriado tocarmos, a seguir, no tema "Teologia da Libertação", sobre o qual vários artigos foram publicados pela *Perspectiva Teológica* nestes últimos 15 anos.

### **5 Teologia da Libertação<sup>21</sup> (v. 43, n. 121, 2011; v. 48, n. 2, 2016)**

O editorial de 2011 explicava que a Teologia da Libertação foi animada pela abertura do Concílio Vaticano II, e encontrara na Igreja em movimento excelente clima para lançar-se à frente. Ela significou uma ruptura com a teologia alheia à situação de opressão dos pobres por parte das classes dominantes protegidas pelo imaginário religioso tradicional (p. 309-310).

O que funda, ilumina e dá vida à Teologia da Libertação é a dupla opção de Javé e de Jesus<sup>22</sup> pelos pobres, que o Espírito nos interioriza. Como toda verdadeira teologia, sua fonte primeira brota da Escritura, acolhida na fé. Tal experiência de libertação não pode se dar apenas no nível teórico, conceitual. Para que seja real precisa ser feita na práxis com o pobre em luta libertadora, iluminada pela Palavra de Deus (p. 311).

---

<sup>21</sup> Artigos sobre Teologia da Libertação: AQUINO JUNIOR, F. Sobre o método da Teologia da Libertação nos 20 anos do martírio de Ignacio Ellacuría, v. 41, n. 115, 2009, p. 395-412; LOPES GONÇALVES, P. S. A relação entre a fé cristã e os pobres na Teologia da Libertação, v. 43, n. 121, 2011, p. 315-331; COSTADOAT, J. La historia como "lugar teológico" en la Teología Latinoamericana de la Liberación, v. 47, n. 132, 2015, p. 179-202. No volume v. 48, n. 2 de 2016: RIVAS, E; TAVARES, S. A perene e irrenunciável tarefa de uma teologia libertadora, p. 223-228 (Editorial); CHAGAS DE ALBUQUERQUE, F. Teologia da Libertação na pós-modernidade: contribuição à humanização, p. 289-316; CODINA, V. Nuevos desafíos a la Teología de la Liberación, p. 229-244; AQUINO JUNIOR, F. Questões fundamentais de Teologia da Libertação, p. 245-268; MENDOZA-ÁLVAREZ, C. La Teología de la Liberación em contexto posmoderno em América Latina y el Caribe, p. 269-288. Em 2018: COSTADOAT, J. Identidad de la Teología Latinoamericana y la Teología de la Libertación, v. 50, n. 1, p. 19-40.

<sup>22</sup> Os artigos publicados sobre Cristologia, não só desde a perspectiva da TdL, mas da teologia cristã em geral, são demasiado numerosos para serem citados.

Desde a publicação do livro “Teologia da Libertação” de Gustavo Gutiérrez, em 1971, a TdL, ainda que tenha saído do foco da publicidade, permanece viva e desafiada. A prática de Jesus continua desafiando-nos com sua escandalosa opção pelos pobres (p. 314).

Já o editorial de 2016 “A perene e irrenunciável tarefa de um teologia libertado” (v. 48, n. 2), além de insistir no caráter prático de toda a teologia e, muito especialmente da Teologia da Libertação, fazia notar que na última década três outras questões vinham sendo explicitadas e aprofundadas sempre mais no âmbito da Teologia da Libertação: o gênero em teologia<sup>23</sup>, o diálogo inter-religioso<sup>24</sup> e o paradigma hegemônico do mercado, da tecnologia e da mídia (p. 227).<sup>25</sup> Acrescentemos a estes o tema da ecologia<sup>26</sup>. Relacionados diretamente ou não à TdL, esses temas certamente estarão na pauta da reflexão teológica e na lista das publicações da *Perspectiva Teológica* dos próximos anos.

---

<sup>23</sup> Artigos sobre o tema “Gênero”: Em 2016: CORREA, L. Os LGBT e o Pontificado de Francisco, v. 48, n. 1, 2016, p. 117-143. Em 2017 (v. 49, n. 2): GASDA, E. Gênero, p. 247-251; CUNHA, M. Construções imaginárias sobre a categoria “gênero” no contexto do conservadorismo político religioso no Brasil dos anos 2010, p. 253-276; AZCUY, V. R. Mulheres leigas e Exercícios Espirituais. Estudo de caso: primeira comunidade de vida cristã de adultos no Chile (1975-2015). Uma leitura a partir da perspectiva de gênero, p. 297-328; GARCÍA BACHMANN, M. L. Una ¿innecesaria? reflexión sobre la importancia de la lectura de género para una Iglesia más inclusiva y un mundo más justo, v. 49, n.3, p. 681-702.

<sup>24</sup> Artigos sobre o tema “Diálogo Inter-religioso”: TEIXEIRA, F. Karl Rahner e as Religiões, v. 36, n. 98, 2004, p. 55-74; BINGEMER, M. C. Saborear a fé em meio à pluralidade – os caminhos da teologia em meio ao diálogo inter-religioso, v. 36, n. 99, 2004, p. 221-239; SUESS, P. Francisco Xavier- 500 anos de desafio com o diálogo inter-religioso, v. 39, n. 107, 2007, p. 49-66; TEIXEIRA, F. Henri Le Saux: nas veredas do real, v. 40, n. 111, 2008, p. 207-228; PANASIEWICZ, R. Cristo como universal concreto: uma leitura da visão cristológica de Claude Feffré e sua disposição para com o diálogo inter-religioso, v. 41, n. 113, 2009, p. 87-98; TEIXEIRA, F. Louis Massignon: a hospitalidade dialogal, v. 42, n. 116, 2010, p. 77-90; SCHWEITZER, P. A cosmologia atual e a fé judeu-cristã, v. 42, n. 118, 2010, p. 397-411; TEIXEIRA, F. Raimon Panikkar: a arriscada aventura no solo sagrado do outro, v. 42, n. 118, 2010, p. 368-380; TEIXEIRA, F. Teologia asiática e pluralismo religioso, v. 43, n. 120, 2011, p. 193-209; BARRETO, M. H. Experiência religiosa, ateísmo e modernidade, v. 48, n. 3, 2016m, p. 539-558; WOLFF, E. A hermenêutica ecumênica da fé cristã: uma contribuição ao diálogo entre católicos e luteranos no contexto dos 500 anos da Reforma de Lutero, v. 49, n. 1, 2017, p. 101-125; WOLFF, E. A exigência do diálogo inter-religioso no Sínodo para a Amazônia – 2019, v. 51, n. 1, (2019), p. 69-93.

<sup>25</sup> Artigos sobre Capitalismo, Economia, Bioética: GASDA, E. Essa economia que mata (EG, 53): crítica teológica do capitalismo inviável, v. 49, n. 3, 2017, p. 573-587; JUNGES, R. As interfaces da teologia com a bioética, v. 37, n. 101, 2005, p. 105-122; FABRI DOS ANJOS, M. Bioética global e responsabilidade global: a contribuição de Hans Küng, v. 42, n. 116, 2010, p. 105-118; JAVIER, F. Vulnerabilidad: la profundidad de un principio de la bioética, v. 49, n. 1, 2017, p. 155-176.

<sup>26</sup> Artigos sobre Ecologia: MURAD, A. Fé cristã e ecologia: o diálogo necessário, v. 40, n. 111, 2008, p. 229-242; CAMPOS, P. C. Ecologia humana: o pressuposto da ética na preservação do meio ambiente – breve história sobre origens e conceitos do movimento ambientalista, v. 40, n. 112, 2008, p. 343-375; TAVARES, S. Evangelho da criação e ecologia integral: uma primeira recepção da *Laudato Si'*, v. 48, n. 1, 2016, p. 59-80.

## Conclusão

Qual é, então, a “perspectiva teológica” da Revista? Quais são as características centrais de tal perspectiva?

Antes de tudo, trata-se de uma perspectiva teológica cristã, fundamentada na Revelação cristã, por isso alimentada pelo Evangelho de Jesus Cristo; que expressa sua fidelidade à Sagrada Escritura, se mantém em sintonia com a grande Tradição teológica da Igreja cristã, a serviço da fé, comprometida com a justiça e aberta ao diálogo ecumênico e inter-religioso.

Enquanto fundamentada na Revelação cristã, na Palavra de Deus, essa perspectiva teológica é alimentada pela atitude de escuta da Palavra. Auscultando a Palavra deixa-se conduzir pelo Espírito, pela vida que estava na Palavra e que era a luz dos homens (Jo 1,4). Trata-se, pois, de uma perspectiva alimentada pela espiritualidade cristã.

Enquanto fiel às Escrituras, essa perspectiva tem uma forte conotação bíblica. As Sagradas Escrituras constituem a referência bibliográfica principal para a teologia que a Revista quer transmitir.

Enquanto sintonizada com a grande Tradição da Igreja, essa perspectiva não é sectarista ou elitista, mas antes ecumênica, católica (em seu sentido original), aberta ao diálogo com todos os homens e mulheres de boa vontade.

Enquanto se põe a “serviço da fé” e da “promoção da justiça”, essa perspectiva compartilha do horizonte missionário da Companhia de Jesus.

Enquanto gestada no interior de uma *Faculdade* de Teologia, essa perspectiva tem um caráter universitário, acadêmico, científico, aberto do diálogo. Trata-se de uma perspectiva colocada à discussão, à crítica, à apreciação de um público exigente, religiosamente variado, intelectual e profissionalmente capacitado.

Enquanto refletida e cultivada por teólogos e teólogas inseridos, não só na vida acadêmica, mas na vida da Igreja (dioceses, paróquias, comunidades, seminários, congregações religiosas), essa perspectiva tem caráter eclesial. Seu lar é a Igreja Povo de Deus, Corpo de Cristo, Templo do Espírito Santo, com suas alegrias e esperanças, tristezas e angústias.

Enquanto, à luz do Evangelho, denuncia a opressão, a miséria, a pobreza causada pela injustiça, essa perspectiva tem um caráter social-profético. Trata-se de uma perspectiva que incide sobre o contexto social e político, e que manifesta assim o seu compromisso com os pobres de Cristo pobre.

Enquanto pertence a uma Faculdade de Teologia da Companhia de Jesus, estando sob responsabilidade primeira de teólogos jesuítas, essa perspectiva tem um caráter inaciano. O Magis da espiritualidade inaciana, o buscar e encontrar a Deus em todas as coisas, confere a essa perspectiva profundidade, excelência, qualidade, distinção, o melhor que ela possa ser.

E, assim, a riqueza dessa perspectiva teológica que a Revista *Perspectiva Teológica* cultiva, promove e proclama faz dela o cartão de visita, por excelência, desta Faculdade de Teologia da Companhia de Jesus no Brasil.

## **Siglas**

- AL = *Amoris Laetitia*  
CEBs = *Comunidades Eclesiais de Base*  
CNBB = *Conferência Nacional dos Bispos do Brasil*  
DV = *Dei Verbum*  
EG = *Evangelii Gaudium*  
GS = *Gaudium et Spes*  
LG = *Lumen Gentium*  
LS = *Laudato Si'*  
SC = *Sacrosantum Concilium*  
TdL = *Teologia da Libertação*

## **Referências**

- CODINA, V. Nuevos desafíos a la Teología de la Liberación. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 48, n. 2, p. 229-243, mai./ago. 2016.
- LIBANIO, J. B. Revisitando a Revista *Perspectiva Teológica* por ocasião do 100º número. *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte, v. 36, n. 100, p. 313-351, set./dez. 2004.
- \_\_\_\_\_. A caminho da V Conferência de Aparecia. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v.38, n. 105, p. 187-210, mai./ago. 2006.
- \_\_\_\_\_. 25 anos da Faculdade de Teologia – 1982-2007. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 39, n. 107, p. 69-83, jan./abr. 2007.
- PASSOS, J. D. As reformas do Papa Francisco: conjuntura, significado e perspectivas. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 49, n. 2, p. 353-374, mai./ago. 2017.
- SUREKI, L. C. Medellín 50 anos... história, memória, promessa. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 50, n. 1, p. 11-17, jan./abr. 2018.

**Luiz Carlos Sureki SJ** é mestre em Teologia Sistemática e doutor em Teologia Fundamental pela Leopold-Franzens Universität de Innsbruck, Áustria. Professor de Teologia Sistemática e Pesquisador junto ao Departamento de Teologia da FAJE — Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. ORCID: 0000-0002-9829-3862 E-mail: luizsureki@hotmail.com

**Endereço:** Av. Dr. Cristiano Guimarães, 2127 – Planalto  
31720-300 – Belo Horizonte – MG